

PEDRO CALMON

# História do Brasil

Século XVIII ♦ Riquezas e vicissitudes

**Apresentação**

Thomas Giulliano



# Sumário

<b>Apresentação — Thomas Giulliano</b> .....	17
<b>I - EMBOABAS E PAULISTAS</b>	
Avidez de fortuna.....	31
O imposto del-rei.....	32
Contrastes.....	33
Luta inevitável.....	34
O “caminho novo”.....	35
O conflito e seus chefes.....	35
Processos de mineração.....	36
Nunes Viana.....	36
Intervenção e recuo.....	39
Reação paulista.....	40
Capitania de São Paulo e Minas.....	41
<b>II - OS FRANCESES ATACAM O RIO DE JANEIRO</b>	
Interesse estrangeiro.....	43
Acontecimentos da Europa.....	43
A aliança inglesa.....	44
A aventura de Duclerc.....	44
Estudantes.....	47
A morte do corsário.....	48
Duguay-Trouin.....	48
A surpreendente invasão.....	49
A cidade salva e resgatada.....	51
Repercussão na Bahia.....	52

**III - PRIMEIRAS REVOLTAS**

Governadores-gerais.....	53
Primeiro motim .....	53
O segundo levante .....	55
Autonomia perdida .....	56
Aristocratas e negociantes .....	57
A Vila do Recife.....	58
Antes república .....	59
A “capitulação” atrevida.....	60
Reação dos mercadores.....	63
A luta .....	64
O castigo .....	64

**IV - SÃO PAULO E MINAS GERAIS**

Pacificação .....	67
As três comarcas.....	68
Dom Brás Baltasar .....	68
Cobrança dos quintos .....	69
O Conde de Assumar.....	69
Dragões das Minas.....	70
Separação das capitanias .....	71
O levante de 1720 .....	71
Onde se fala em república .....	73
Dom Lourenço de Almeida.....	73
Moeda falsa.....	74
Capitação.....	75

**V - OS MILHÕES DO BRASIL**

Alexandre de Gusmão.....	77
A volta aos quintos .....	78
Quantos milhões.....	78
Descobrimto de diamantes .....	79
Contratos do Tijuco.....	80
Resultados.....	82

## **VI - VICE-REIS NA BAHIA**

O título.....	83
O Marquês de Angeja .....	83
Obras urbanas.....	84
Conde de Vimieiro.....	85
Conde de Sabugosa .....	86
A Academia dos Esquecidos .....	87
O donativo de 1727.....	88
Conde das Galveias.....	88
Atouguia.....	89
Conde dos Arcos.....	89
O 1º Marquês de Lavradio.....	90

## **VII - GOVERNADORES DO RIO**

Praça-forte.....	91
Francisco de Távora.....	91
O Santo Ofício .....	92
Fim da Inquisição .....	93
“O Onça” .....	94

## **VIII - NO TEMPO DE GOMES FREIRE**

O homem .....	95
Concentração do poder.....	95
Rio de Janeiro .....	96
Bispos fluminenses.....	97
Visão de conjunto .....	98
O Brigadeiro Alpoim .....	98
A Relação no Rio de Janeiro.....	99

## **IX - FRONTEIRAS DE NORTE E SUL**

Utrecht .....	101
O Amazonas .....	101
A pedra da Nova Colônia em 1705.....	102

Devolução da praça.....	104
Fortificação da Colônia.....	105

**X - A GRANDE EXPANSÃO**

Linhas gerais.....	107
O caminho das minas novas.....	108
Tietê e Paraná.....	108
O roteiro de Mato Grosso.....	109
Fronteira inesperada.....	110
Cuiabá e seus fundadores.....	110
Governo de Rodrigo César.....	112
Os irmãos Leme.....	112
Ouro de Cuiabá.....	113
O descobrimento de Goiás.....	113
A viagem de Rodrigo César.....	115
Paiaguás e guaicurus.....	117
O território em aumento.....	118
Duas novas capitanias.....	120

**XI - O DOMÍNIO EQUATORIAL**

De Cuiabá ao Amazonas.....	121
Missões.....	122
Explorações.....	122
Reconhecimento.....	123
O limite do Oiapoque.....	124
O café.....	125
Macapá.....	126

**XII - A CONQUISTA DO SUL**

Vizinhos.....	127
A questão como dantes.....	127
Mapas e coordenadas.....	128
O incidente de 1735.....	128
José da Silva Pais.....	130

O caminho dos “conventos” .....	131
O Forte do Rio Grande.....	133
O continente.....	134
Santa Catarina .....	135

### XIII - O REINADO DE DOM JOÃO V

Tratado de Madri.....	137
A necessidade do tratado.....	137
Influência da rainha .....	138
<i>Uti possidetis</i> .....	139
Afinal, os limites... ..	140
O poder pessoal .....	140
Soberano lúcido .....	141
Prodigalidade.....	142

### XIV - O CASO DAS MISSÕES

Nova política.....	145
Sebastião José.....	145
País de sonho .....	146
A comissão portuguesa.....	147
Revolta dos tapes.....	148
Rio Pardo.....	149
A hecatombe .....	151
Conquista dos “povos” .....	151

### XV - OS JESUÍTAS E POMBAL

Fronteiras amazônicas.....	153
Começo da luta.....	154
Companhia do Pará .....	154
Poder absoluto.....	155
Liberdade do gentio .....	155
Outros monopólios .....	156
O terremoto de Lisboa .....	156
Consequências filosóficas .....	157

A oportunidade.....	157
Terror geral .....	158
Guerra aos jesuítas .....	159
Fracassado regicídio .....	159

**XVI - A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS**

José Mascarenhas .....	161
Castigo misterioso.....	162
O grande golpe .....	164
Reforma do ensino .....	164
Colégios fechados.....	165
As aldeias .....	166
Obscurantismo .....	167
A universidade .....	168

**XVII - PERDA E RETOMADA DO RIO GRANDE**

O Tratado de 1762 .....	171
Restituição dos “7 povos” .....	171
Ameaça francesa .....	172
O Conde de Lippe .....	173
Cai a Colônia.....	173
A morte de Bobadela.....	174
Invasão do Rio Grande .....	174
Em Mato Grosso.....	175
O erro de Pombal.....	176
Obsessão antijesuítica.....	176
Reconquista de São José do Norte.....	178
Duplicidade .....	179
Vantagens da situação .....	179
A incursão de Vertiz.....	180
Organização militar .....	181
O exército do General Böhm .....	183
Ação decisiva.....	183
Suspensão das hostilidades.....	185

## XVIII - REPRESÁLIAS DE ESPANHA

Tempo perdido .....	187
A expedição de Cevallos.....	187
Ocupação de Santa Catarina.....	189
As hesitações do invasor .....	190
O fim da Colônia.....	191
Epílogo .....	191

## XIX - A PAZ DE 1777

Dona Maria I .....	193
Também Iguatemi .....	193
O Tratado de Santo Ildefonso .....	194
Devolução.....	194
A demarcação.....	195
Expedições científicas.....	197
Duas ilhas distantes .....	198

## XX - VICE-REIS NO RIO DE JANEIRO — CRESCENTE RIQUEZA

A mudança da capital.....	199
Conde da Cunha.....	199
Dom Antônio Rolim.....	200
Lavrado.....	200
Luís de Vasconcelos.....	201
Conde de Resende.....	202
Rendas do Brasil .....	202
Contratos .....	204
Dízimos .....	204
Comércio .....	205
Ouro.....	206
Diamantes .....	207
Açúcar .....	207
Algodão .....	209
Tabaco .....	209



As frotas.....	210
Extinção da indústria.....	210
Impulso agrário.....	211
Escravos .....	212
Bahia... de ultramar .....	213
Cifras impressionantes .....	214
População .....	216

**XXI - LETRAS E CIÊNCIAS**

Cultura .....	217
Rocha Pita .....	218
O peregrino da América.....	218
Instrução.....	219
Imprensa .....	220
Academias do Rio .....	220
Epitalâmios.....	221
Renascidos .....	221
Símbolo indianista .....	223
Uruguai.....	224
Santa Rita Durão .....	225
Poetas menores.....	227
Os mineiros .....	227
Gonzaga.....	228
Lirismo .....	229
O Judeu .....	230
Modinha e lundu.....	230
Brasileiros do reino.....	233
Os Lemos.....	233
“Sociedade literária” .....	234
Música .....	235
Teatro .....	236
Naturalistas.....	237
Os doutores.....	238
Drogas e médicos.....	238

Economistas.....	240
Rumo ao campo.....	242

## XXII - ARTES PLÁSTICAS

O barroco original .....	243
Ouro Preto.....	244
Artistas e obras.....	244
Expressionismo .....	245
O Aleijadinho .....	246
Pintores.....	247
Escultores.....	249
Aula militar.....	250
Arquitetos .....	251

## XXIII - ORGANIZAÇÃO

Códigos e leis.....	253
Regimentos .....	253
Fim das capitanias.....	254
O governador-geral .....	255
As câmaras.....	256
Corregedores.....	257
Alternativa... ..	257
Misteres .....	258
A justiça.....	258
Direitos .....	259
As Juntas.....	260

## XXIV - HISTÓRIA REGIONAL — O NORTE

O Pará .....	261
Rio Negro.....	262
Maranhão .....	263
Piauí .....	265
Ceará .....	266

Rio Grande do Norte.....	268
Paraíba.....	269
Pernambuco.....	269
Alagoas.....	272
Sergipe.....	272
Bahia.....	272
Ilhéus e Porto Seguro.....	274

**XXV - O CENTRO E O SUL**

Espírito Santo.....	275
Campos dos Goitacases.....	275
Minas Gerais.....	277
Igrejas e confrarias.....	277
Freguesias das Minas.....	278
Falta de colégios.....	278
Bispo de Mariana.....	279
Em 1752.....	280
A suntuosa Vila Rica.....	280
Governadores.....	281
São Paulo.....	282
Goiás.....	283
Mato Grosso.....	284
Santa Catarina.....	285
Rio Grande do Sul.....	286

**XXVI - INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

O ambiente.....	289
Joaquim Silvério.....	290
A prisão dos conspiradores.....	291
O caso de Nîmes.....	292
Tiradentes.....	296

**XXVII - INQUIETAÇÕES NATIVISTAS**

Literatos perseguidos.....	299
----------------------------	-----

Jacobinos.....	300
Inconfidência .....	300

**XXVIII - A REGÊNCIA DE DOM JOÃO**

Crise revolucionária .....	303
Guerra com a França.....	304
O império, como consequência! .....	305

<b>Índice remissivo .....</b>	<b>307</b>
-------------------------------	------------

## APRESENTAÇÃO

# Pedro Calmon não merecia, não merece e não merecerá nunca o desprezo

A sociedade brasileira, como uma paisagem, é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores. Considerá-los na indissociável coesão que os une é fundamental se quisermos compreender o funcionamento da história nacional. Historicamente, não somos órfãos de pais desconhecidos. A continuidade, que não significa indiferença aos dramas herdados, é uma consciência própria do homem. Diante do passado, temos a percepção de nossa individualidade e com a história compreendemos o que os homens foram, fizeram, conseguiram. Se sássemos da história, tombaríamos no nada. Pensá-la é vê-la no reino do possível.

Desde a invenção da escrita, o registro de experiências humanas informa que recebemos do passado um conjunto de valores, necessidades e crises. Da luz elétrica aos livros de Graciliano Ramos, sem ignorar a falta de saneamento básico pleno e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o passado sempre deixa a sua herança. A História sempre lida com eventos que aconteceram em um tempo. Não é uma manipulação, mas o descobrimento de realidades próprias do passado, enquanto a historiografia, constituída como o campo privilegiado de recolha de materiais humanos, é o estudo das variações dos comportamentos dos homens do passado. Descortinar o passado é exprimir um diálogo explicativo, por meio das fontes históricas, acerca de eventos singulares e não mais existentes. O passado, enquanto conjunto descontínuo de fatos verdadeiros e mutilados, não é um ser, mas um cruzamento de itinerários. Sem a história, vemo-nos privados de falar das origens de que brotamos e que nos sustentam.

A pesquisa historiográfica, diametralmente oposta à ficção, transforma o passado em fenômeno do conhecimento e não se contenta com o interior das coisas, mas apreende, no seu exterior, o significado dado pelo homem. Dotada de um caráter temporalmente transcendente, é um lugar ontológico privilegiado, onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, transportando-se imaginariamente para outro tempo. O ato de explicar a substancialidade do passado não é somente o de unificar ou familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio, ou a realização da condição autoconsciente e livre dos homens, mas é uma apreensão das realidades não dadas que se revela por meio do dado.

Toda pesquisa histórica anda sempre às voltas com a linha difusa entre resgatar a experiência daqueles que viveram os fatos, interpelar seu sentido e reconhecer nessa experiência seu caráter inconcluso. A historiografia examina o ponto do contato da palavra com a realidade concreta do objeto examinado. É um instrumento privilegiado de decifração do mundo. Encontrar o verdadeiro sentido das palavras contidas em um texto é tarefa que se impõe a qualquer historiador que deseja transformar em compreensão histórica o seu estado inicial de incompreensão semântica. Historiar é uma atividade intelectual, composta por tudo o que um historiador pode aprender: leituras e convivências, por idas e vindas entre os documentos, alocação de seus interesses intelectuais, um esforço de imaginação em fazer reviver o tempo estudado. Qualquer historiador, para produzir bons significados sobre um tempo irreversível, precisa de uma atenção constantemente voltada para os múltiplos objetos que exprimem os vestígios esparsos do passado.

O historiador que conhece os eventos apenas em sua ordem cronológica não descortina os indivíduos em meio aos fatos, mesmo que correspondentes à dimensão episódica da narrativa. Esse tipo de erro insere o heterogêneo psíquico em uma homogênea superestrutura psíquica. Enquanto a história é feita de acontecimentos, a historiografia é a tentativa de composição de certas totalidades temporais, extraídas do fluir histórico e firmadas num cálculo cronológico. Não chega a ser historiador aquele que simplesmente trabalha com afinco nos arquivos. Para o historiador, a determinação da veracidade de documentos é uma tarefa preliminar. Deve-se devolver o fato à sua totalidade em busca de uma compreensão da vida humana. A leitura de um documento é como conversar com um ser de papel. Pacientemente, o historiador faz perguntas que possibilitam a reflexão sobre as diferenças entre a realidade, o perceber e o imaginar da essência analisada. Seu pensamento reflexivo pertence, antes de tudo, às categorias do pensamento comparativo, no qual, cada fonte histórica, com seus diferentes tipos, representa um universo aberto onde o seu intérprete pode descobrir infinitas interconexões. No presente e no passado, ser historiador sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes. A alma dessa compreensão é forjada na luta que o pensamento conceptual do historiador estabelece contra o drama da palavra. Ao fazer mais que acatar o critério da evidência aparentemente imediata, o historiador percebe que em cada documento de uma mesma temporalidade há diferentes vozes.

Evitar conclusões apressadas ou rígidas é uma condição essencial para não transformar a especificidade do fato histórico em um acontecimento indistinto. As motivações morais implicadas nos fatos analisados podem ajudar a compreender a história, mas não são os objetos da explicação histórica. Há diferenças entre a história como fato e o registro escrito dos fatos. Fundada na diversidade dos homens e tempos históricos, a história não é um conhecimento de intenções, mas dos fatos livres realmente executados. O bom historiador não é um mero colecionador, mas um operário da verdade pretérita. Seus pensamentos e aspirações se dirigem à construção humana sobre a reflexão, sobre o saber. A história se dirige ao conhecimento da ação humana. A transformação desse depósito de múltiplas matérias-primas individuais em uma estrutura lógica é um dos ofícios dos historiadores. Descobrir realidades próprias do

passado, constituídas enquanto resultados das decisões dos homens concretos, requer esforço. Enquanto homens, somos hóspedes de um momento da história.

A história integra a existência humana através de uma reunião de passados, individuais ou coletivos. O fato histórico é a ação humana realizada singularmente no tempo. Por mais ampla que seja a causa histórica, a sua recepção é sempre individual. Como escreveu Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Originalmente, o sujeito da história é o indivíduo, que, por sua essência *sociālis*, engaja-se em totalidades coletivas detentoras de vínculos que aproximam os homens na realização de projetos de vida. Do trabalho corporativo à família, exemplos não faltam para enfatizar que o vínculo social permeia a história. Inescapavelmente, tupinambá ou esquimó, o homem nasce no seio de uma sociedade e faz sua vida em seu meio. Do mais remoto núcleo familiar ao mais abrangente tema global, é sempre inimaginável um fato histórico que não seja também social. Evidenciar a especificidade humana em nada invalida a certeza de que o indivíduo é meio e instrumento da história.

A verdade existe, inclusive nesses tempos em que o rigor intelectual passa longe de ser difundido. Afirmar a sua existência é uma condição para o desenvolvimento de qualquer pesquisa historiográfica. A questão da verdade na história é capital. Se não há certeza, não há verdade; nem o mínimo de coesão social. Fora da verdade, nada pode ser verdadeiro. Abandoná-la leva ao nada. Se cada um tem a sua verdade, por que não posso afirmar que Machado de Assis foi um hipopótamo membro da Al-Qaeda?

O que perguntei é incognoscível porque desarticula a consciência natural do mundo fenomênico e a ordem do conhecimento. Na nossa consciência, ordenamos e elaboramos o material sensível em relação às formas *a priori* da intuição e do entendimento. A nossa convicção da realidade de que Machado de Assis não era um hipopótamo é o resultado da soma de um raciocínio lógico com a vivência imediata numa experiência da realidade. O conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto; e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objeto. Nem tudo é questão de ponto de vista. Na história, há divisão entre os objetos reais e ideais; é real tudo o que nos é dado pela experiência histórica. Para o realista, o verdadeiro existe fora e independentemente da nossa consciência, enquanto para o idealista o verdadeiro não existe pura e simplesmente, mas necessita ser concebido.

Na generalidade nada mais representativo do que a cegueira. A impossibilidade de esgotamento da verdade é tomada como prova de sua inexistência, e a subordinação dela à vontade para tirar a limpo convenções entendidas como arbitrárias é confundida com negação da unidade entre o pensamento subjetivo e o objetivo. Nessa babel, impregnada de idealismo lingüístico, além dos problemas hermenêuticos, deve-se levar em conta as conseqüências dessa predisposição para se multiplicar uma importância pessoal. Esse idealismo reduz o ser das coisas percebidas e distingue o dado da percepção e a própria percepção. Suprimida a realidade aparente, sustenta a tese de que não há coisas reais, independentes da consciência.

Sucessão e dimensão episódica indicam a ordem dos acontecimentos; totalidade temporal e seqüências de enunciados indicam a ordem do discurso. O passado pos-